

1. LENDAS E CASOS PITORESCOS

A Biblioteca Nacional, apesar da seriedade do seu prédio, de suas lutas internas e externas, da casmurrice de muitos dos seus funcionários, dos seus problemas, uns de difícil solução e outros absolutamente sem saída; em que pese a majestade de suas intermináveis prateleiras cheias de toda a sabedoria do mundo, à sua vigilância diuturna contra insetos e fungos que se empanturram com os suportes dessa sabedoria, e contra o tempo, e contra a velhice de coisas que não foram feitas para serem eternas (mas que teimamos em que o sejam); a Biblioteca Nacional tem os seus momentos de riso, de humor, de invencionices, quando muitas vezes a risada corre franca e outras tantas a seriedade pode denotar a crença, o susto ou o medo de que as coisas estranhas sejam ou venham a ser reais. Não custa contar algumas.

Por outro lado, no correr do tempo, muitas coisas reais acontecem e ficam na história, são anotadas e podem divertir. Não custa contar também alguns desses casos, tão cômicos, porém verídicos.

Este capítulo é uma pausa que ajudará o leitor a ver que existe sempre um lado menos sério nos ambientes mais sérios.

O Manuscrito que nunca foi decifrado*

– É incrível – quase gritou o professor Waldirez. Calmo, contido, muito mais do que isso: tímido ao extremo, um pesquisador compenetrado, à maneira antiga. O que atraiu o olhar e a atenção de todos os que estavam naquele belo e vetusto salão de leituras da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional não foi tanto o que poderia haver de incrível no que o professor talvez acabasse de descobrir, mas o seu grito, a sua exclamação

* Dedicamos este capítulo e esta pequena história, *que dizem ser absolutamente verdadeira*, ao professor Waldir da Cunha, que há mais de 40 anos vem sendo o zelador ardoroso e competente dos nossos velhos manuscritos. O professor Waldirez, não sei se existiu; o professor Waldir existe, está vivo e queira Deus continue ainda por muitos anos a nos prestar os seus inestimáveis serviços.